

A Metáfora em X-MEN

Mestrando Alan Ramos Gonçalves (UFBA)

Resumo:

Este artigo propõe uma reflexão acerca do conceito de metáfora atribuído a X-MEN, obra do americano Stan Lee, recriada para o cinema sob a direção do também americano Bryan Singer, em 2000. Adotando o modelo semiótico de Peirce, o trabalho visa a examinar a obra em questão, estabelecendo relações entre os conceitos de signo e metáfora, de modo a evidenciar conexões entre a tradução de Singer e contextos sociais reais.

Palavras-chave: Metáfora, X-MEN, recriação, tradução, semiótica.

CRIANDO UMA METÁFORA

Presentes em meios diversos, os super-heróis são, hoje, concorrentes poderosos de famosos personagens de contos de fadas, que ensinavam lições sobre comportamento, supostamente direcionadas ao público infanto-juvenil, para reforçar os argumentos educativos dos pais. Ocupando grande parte da programação de diversos canais de TV, espaços privilegiados de bancas de revistas, prateleiras em livrarias e batendo *records* de bilheteria nos cinemas, os super-heróis propõem, junto com suas sagas, valores morais e reflexões acerca do comportamento dos **não-super**.

Ao longo do tempo, eles se transformaram em símbolo do que é considerado politicamente correto, aparecendo como guardiões dos bons princípios e valores. Apesar de deterem os mais diferentes superpoderes que os distinguem dos simples mortais na incessante luta do bem contra o mal, os super-heróis se deparam constantemente com conflitos comuns aos humanos que protegem. Passando a ser um instrumento usado para comentar o comportamento humano. Seguindo esse padrão, estão os X-MEN, cujos quadrinhos foram criados por Stan Lee, e ilustrados por Jack Kirby, nos Estados Unidos, tendo sua primeira aparição em meio impresso, em 1963, e no cinema em 2000.

Segundo Lee, os X-MEN são ‘uma espécie de metáfora para o preconceito racial’. Portanto, é pertinente que se leia esse texto, tanto em sua versão impressa quanto no cinema, com a atenção voltada para os tão debatidos conceitos de identidade, uma vez que é através da identificação das relações de semelhança entre os signos sociais - aqueles que simbolizam o modo de vida, valores, crenças e costumes das sociedades - e os signos que compõem o texto, que se poderá confirmar o *status* de metáfora da obra.

Este trabalho propõe uma perspectiva baseada na semiótica, para analisar o super-herói mutante enquanto metáfora, a partir da recriação de X-MEN para o cinema sob a direção de Bryan Singer. Para essa tarefa será necessário apresentar as obras; introduzir noções acerca do signo, adotando os estudos de Peirce; estabelecer relações entre signo e metáfora; e evidenciar conexões entre o texto e contextos sociais reais.

CONTEXTUALIZAÇÃO

A década de sessenta foi marcada por grandes revoluções: a guerra fria dividia o mundo em blocos, liderados por Estados Unidos e Rússia, e impulsionava a corrida espacial, bem como a obsessão pelo controle de novas tecnologias, levando astronautas à lua; o *laser* começava a ser usado; o homem descobria mais sobre si mesmo, com o advento da observação da estrutura molecular do DNA.

Uma atmosfera de mudança e novidade se materializava, alterando as relações econômicas, políticas e, conseqüentemente, sociais.

A marcha de centenas de milhares de pessoas para Washington, protestando, pacificamente, contra a falta de emprego e liberdade para os negros, foi um dos mais notáveis sinais de que os

Estados Unidos precisavam rever suas políticas, e um dos mais fortes indícios de que o mundo se transformava.

Foi nessa conjuntura que surgiram os X-MEN. Portadores de genes distintos, os X-MEN são mutantes, resultado de uma evolução do *homo-sapiens*. Essa evolução genética confere características singulares aos indivíduos a partir da adolescência. A manifestação desses genes causa diferenças físicas, que podem ser perceptíveis, e concede habilidades especiais, ou superpoderes.

Sendo tão diferentes dos seres humanos comuns, os mutantes passam a ser discriminados, em consequência de ignorância e medo.

O time de heróis mutantes, chamado de X-MEN, é liderado pelo professor Charles Xavier, um telepata que acredita na convivência pacífica, apesar das diferenças. Esse time luta contra Magneto, um mutante intolerante, que acredita na superioridade sobre os humanos. Em sua primeira aparição, Magneto se apossa de armas militares de destruição em massa, com fins genocidas.

O primeiro número de X-MEN foi lançado em setembro de 1963, aproximadamente, um mês depois de um dos mais famosos discursos de Martin Luther King Jr, durante *The March on Washington*, em que ele fala sobre tolerância e igualdade.

Talvez a grande urgência em se falar sobre os conflitos causados pela discriminação, na época, tenha alavancado o sucesso de X-MEN, cujo criador já era muito bem sucedido, por conta de outros personagens, como o Quarteto Fantástico e O Incrível Hulk. Diferente dos outros heróis, os mutantes lutam contra a segregação. É compreensível que num país onde o preconceito era respaldado por instituições como a Ku Klux Klan, histórias acerca de aceitação e pertencimento causassem, pelo menos, polêmica.

São muitas as ligações entre as histórias dos X-MEN e a história dos Estados Unidos, talvez as mais notáveis estejam nos primeiros números. Em 1965, por exemplo, na edição de número onze, o intolerante Magneto é neutralizado, perdendo uma batalha para outro mutante, essa edição foi lançada em maio, mais ou menos três meses após o separatista Malcolm X ser assassinado por membros da *Nation of Islam*, grupo do qual Malcolm X foi membro. Já em 1968, na edição de número quarenta e três, os X-MEN encontram uma mensagem póstuma do Professor Charles Xavier, na qual ele pede a seus alunos que continuem a lutar. Essa edição foi lançada em abril, mesmo mês em que Martin Luther King Jr foi assassinado.

Essas semelhanças entre as tramas e fatos reais, juntamente com uma mídia acessível; vocabulário simples; e textos curtos, utilizados por Lee ao criar heróis, como metáforas para discutir relações sociais corroboram a idéia de que a metáfora é uma ferramenta corriqueira, usada tão automaticamente, que pode passar despercebida (LAKOFF, TURNER, 1989).

Atento para essas estratégias, no filme que introduz a trilogia X-MEN, Bryan Singer opera uma tradução intersemiótica, de modo a possibilitar a manutenção da metáfora, pois sem a discussão acerca de discriminação e preconceito seria necessária uma grande alteração que começaria com a construção de uma nova trama, para justificar a existência dos heróis.

A recontextualização dos personagens de Lee no sistema fílmico dependeu, primariamente, de dois processos: o de atualização do argumento, uma vez que, embora a aversão e a intolerância contra as diferenças ainda existam, os debates acerca de segregação evoluíram desde 1963; e, o que é comum a toda tradução, o de interpretação, pois para recriar os desenhos da obra de Lee, utilizando-se de atores, foi necessário refletir sobre como cada personagem funcionaria no filme.

Se tomarmos os personagens como signos, seguindo os estudos de semiótica de Peirce, podemos dizer que, para chegar ao resultado final da recriação, Singer precisou considerar a relação triádica do signo: o signo, neste caso, uma imagem com potencial significativo; o objeto, ou aquilo

que o signo está representando; e o interpretante, que é “a manifestação de algum aspecto do objeto por meio do signo” (SANTAELLA, 2000. p. 23).

Pode-se argumentar ainda que a nova configuração que Singer dá aos mutantes é uma materialização do interpretante obtido através da interpretação dos objetos criados por Lee, a partir dos seus signos correspondentes, neste caso as ilustrações de Jack Kirby.

Esse potencial infinito de reformulação, que a relação triádica aponta, está diretamente conectado com os contextos aos quais os signos podem estar associados, pois a significação depende, entre outras coisas, do receptor e seu lugar de enunciação. Igualmente dependente de contextualização é a metáfora. Segundo Wayne C. Booth, aquilo que uma metáfora expressa pode ser alterado, até certo ponto, se o contexto da metáfora for mudado (BOOTH, 1978). De acordo com estudos lingüísticos, a metáfora pode, inclusive, deixar de ser percebida como tal, passando a ser considerada uma expressão, ou **metáfora morta** (BLACK, 1979), nomenclatura que Lakoff e Turner refutam, por acreditar que as metáforas mais automática e inconscientemente usadas são também as mais vivas e eficientes, sua recorrência não desabona sua produtividade (LAKOFF, TURNER, 1989). Essa idéia de legitimação da metáfora através do uso frequente encontra apoio na semiótica. Peirce afirma que “o símbolo significa por meio de um hábito e de uma associação de idéias” (SANTAELLA, 2000. p. 134). Por isso pode-se afirmar que, apesar de as metáforas possuírem uma versatilidade que lhes permite aplicação em contextos variados, sofrendo alterações na sua significação ou não, a sua recorrência revela o quanto o pensamento humano é metafórico, e o quanto se pode expandir significados a partir do deslocamento de conceitos.

CONCLUSÃO

A utilização do mutante, enquanto metáfora que se refere à discriminação, feita por Lee e recriada por Singer implica em alguns deslocamentos: o primeiro é o deslocamento do tema da discriminação para um ambiente literário, onde se teria certa liberdade para tratar, de modo parcial, de urgências sociais, as quais se faziam notar através de conflitos como os anteriormente citados, posto que o comprometimento do autor é com um universo aparentemente fantástico; o segundo é o deslocamento dos lugares de enunciação, pois para substituir as minorias em poder existentes, o autor usa seres fictícios para assumir a posição de periferia oprimida, que sofre e luta contra a ignorância, o medo, e a violência vindos de um centro hegemônico e segregacionista; e o terceiro é o deslocamento do leitor, ou receptor, que é convidado a refletir sobre uma coisa através de outra, neste caso, analisar a posição social do negro estadunidense da década de sessenta, através dos problemas enfrentados pelos mutantes.

Um outro deslocamento é a própria tradução feita por Bryan Singer. Em seu filme, Singer reconstrói a metáfora mutante de modo a contemplar o leitor contemporâneo. Os signos criados por Lee, são reinventados trazendo a tona reflexões acerca de pertencimento, diversidade e representação identitária, de maneira ainda mais incisiva. Em uma das primeiras cenas, a cientista mutante Jean Grey aparece no senado, apresentando uma palestra sobre as diferenças genéticas entre humanos e mutantes, na tentativa de ilustrar os políticos sobre como essas diferenças são resultado de um processo natural, e evitar que os mutantes tenham seus nomes listados num banco de dados oficial, o que poderia gerar uma discriminação institucionalizada. Essa cena denuncia o quanto ainda é necessário se fazer para acabar com a discriminação, mas também mostra que o ativismo das comunidades oprimidas vem fazendo com que suas demandas cheguem ao lado de dentro das instituições governamentais.

O trabalho de Singer revigora a obra de Stan Lee, através da sua reconstrução em um sistema sógnico diferente. O grande poder de difusão do cinema auxilia o acesso a um texto que é essencialmente questionador, no que tange algumas das agendas políticas e sociais mais discutidas na contemporaneidade.

A recriação da obra fonte no ambiente fílmico revela a maleabilidade do signo e a sua ligação com contextos sociais para que se (re)constitua a metáfora idealizada por Lee. A manutenção da linguagem metafórica pode ser interpretada como um sinal de que as problemáticas do pertencimento e da representação identitária ainda precisam de grifo, de algum destaque que as leve a uma análise mais profunda e produtiva .

A tradução assume, dessa forma, um papel crucial, no que diz respeito à revisão de valores de uma perspectiva diacrônica. Possibilitando uma maior compreensão de construtos sociais desenvolvidos ao longo da história.

Os mutantes de X-MEN simbolizam a luta contra a desigualdade e a falta de informação, além de provocar inquietações sobre os conceitos de exotização e reconhecimento, e sobre as diferenças entre tolerância e aceitação.

A metáfora representada por esses personagens parece ter vida longa, mas se algum dia vier a passar despercebida, sua suposta invisibilidade poderá ser atribuída a complitude de uma missão. Deixar de ver os heróis mutantes como substitutos habilitados a guerrear em prol de uma equanimidade, que até então tem aparência de utopia, pode significar que quem morreu foi o maior de seus inimigos: a intolerância, e que a proposta de se examinar, expandir e transformar significados transcendeu os limites da linguagem e se materializou no modo como os seres humanos se reconhecem e interagem com o mundo.

Referências Bibliográficas

- [1] BLACK, M. More about metaphor. In: Ortony, A . *Metaphor and thought*. Cambridge: CUP, 1979.
- [2] BOOTH, W. C. Afterthought on metaphor. In: SACKS, S. *On metaphor*. Chicago: The University of Chicago Press, 1978.
- [3] LAKOFF, G.; TURNER, M. *More than cool reason: A field guide to poetic metaphor*. Chicago: The University of Chicago Press, 1989.
- [4] SANTAELLA, L. *A teoria geral dos signos: Como as linguagens significam as coisas*. São Paulo: Pioneira, 2000.
- [5] STEEN, G. *Understanding metaphor in literature*. Nova York: Longman, 1994.